

# DESCONSTRUÇÃO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS: ANÁLISE DOS SENTIDOS NOS DISCURSOS POLÍTICOS<sup>1</sup>

Emanuella Alves<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho visa averiguar os sentidos nos discursos políticos, através da análise do pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, no dia 24 de março de 2020, no qual evoca uma desqualificação do isolamento social proposto à população como medida para combater a pandemia do coronavírus, a partir da teoria da desconstrução de Jacques Derrida e da análise do discurso. Como contraponto, analisa uma nota divulgada pelo presidente do Senado, Davi Alcolumbre no mesmo dia, e a fala do então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, em coletiva de imprensa quatro dias após o pronunciamento. Percebe-se que esses dois discursos têm sentidos opostos ao pronunciamento. Enquanto o primeiro desconstrói a gravidade da pandemia, os demais, ao contrário, desconstruem o discurso do presidente.

**Palavras-chave:** Desconstrução. Discurso. Sentido.

## 1 Introdução

Todos os indivíduos que atingem a maioria têm responsabilidade pelos seus atos e suas falas. No entanto, não são todos os que desenvolvem junto com a idade, o senso de responsabilidade, o que pode culminar, inúmeras vezes, em discursos paradoxais. Existem pessoas que têm suas palavras disseminadas com mais facilidade, o que carrega uma necessidade maior de cautela e cuidado, que são, na grande maioria, jornalistas e pessoas públicas, mais precisamente, políticos.

Jornalistas, por sua vez, são emissores de notícias e, por vezes, chamados de formadores de opinião, o que transfere um fardo de responsabilidade direta ao jornalista, diante da exposição dos fatos. Por outro lado, políticos são na teoria servidores do povo, o que faz com que as pessoas reflitam muito sobre as palavras que eles emitem, pois são decisões que implicam na vida dos cidadãos.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Jornalismo, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientada pela professora Darlete Cardoso, jornalista e mestre em Ciências da Linguagem.

<sup>2</sup> Autor do Artigo: Emanuella Alves. E-mail: emanuellaalves29@gmail.com.

Unindo esses dois aspectos, responsabilidade e impacto das palavras, a decisão de analisar o discurso do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, sobre a pandemia do coronavírus veio à tona pela percepção do que está sendo desencadeado através dele, como a desestabilização social, pois muitas pessoas não estão respeitando as medidas de prevenção contra o vírus, na medida em que o próprio presidente, representante do povo na maior hierarquia e responsável pelas políticas públicas, não está se comportando de acordo as indicações de infectologistas e especialistas em saúde pública e, ainda, discursa de forma contrária ao isolamento social e sem apresentar um plano concreto e unificado para o combate da pandemia e suas consequências.

Jair Bolsonaro é uma figura polêmica desde o início de sua carreira política, como deputado federal pelo Rio de Janeiro, em 1991, destacando-se em grande parte por ter um posicionamento diferente da maioria dos outros deputados. Ganhou destaque em 2014, quando partiu para a tentativa de lançar-se ao pleito nacional até alcançar esse objetivo e ser eleito presidente da República. No cargo, continuou com discursos que causam diversas polêmicas até os dias atuais.

A mensagem após transmitida pelo emissor, passa a receber sentido para o receptor e, a partir dela, pode-se compreender um sentido através do discurso proferido. Segundo Orlandi (2001, p.17), o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos.

A partir desta percepção, propomos como problema de pesquisa: os sentidos das falas do presidente Bolsonaro levam à desconstrução da gravidade da pandemia do coronavírus? De que forma a desconstrução do discurso pode evocar uma desqualificação do isolamento social, na perspectiva da teoria da desconstrução de Jacques Derrida? Por outro lado, o discurso do presidente é desconstruído por outras autoridades, levando a sentidos opostos?

A partir dessa problematização, o objetivo geral é promover a desconstrução dos discursos políticos, a partir de um pronunciamento do presidente da República e, em contraponto, de uma nota do presidente do Senado Davi Alcolumbre e de um depoimento do então ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, de acordo com a teoria empreendida por Jacques Derrida, visando colocar a descoberto o que esses podem significar, bem como verificar os efeitos de sentido, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Como objetivo específico pretende-se averiguar os sentidos que levam à desqualificação do isolamento social de um lado, e, de outro, os sentidos dos discursos do presidente do Senado e do ministro da Saúde. Isso porque, para Derrida (1995), esse movimento de desconstrução não tem o objetivo de destruir o discurso, mas verificar a significação em suas ambiguidades, desvios e fendas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a metodologia adotada se baseia no estudo bibliográfico e na pesquisa qualitativa de descrição. Quanto à abordagem, opta-se pela análise discursiva, para promover o estudo de caso de três discursos políticos: o pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia nacional, no dia 24 de março, e a sua repercussão, através da nota divulgada pelo presidente do Senado, Davi Alcolumbre, logo em seguida, no mesmo dia. Analisa-se também a fala do então ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta em coletiva de imprensa no dia 28 de março de 2020. A análise é promovida a partir de trechos extraídos dos discursos, para, então, verificar os sentidos na perspectiva da Análise do Discurso e da teoria da desconstrução.

Nesta Introdução estão apresentados os problemas que deram origem à pesquisa, bem como os objetivos que justificam a realização do estudo. Na fundamentação teórica, pode-se compreender e conhecer melhor as ideias do filósofo Jacques Derrida, que visa desconstruir o discurso, assim como aspectos da teoria da Análise do Discurso, passando pelos sentidos e pelo discurso político para, enfim, promover a análise propriamente dita dos discursos e as conclusões observadas.

## **2. Discurso**

A compreensão de discurso pode ser obtida sob vários pontos de vista, mas ao analisarmos os discursos podemos perceber o que foi proferido e entender os significados presentes nele. Vamos tomar, nesta pesquisa, os conceitos da Análise do Discurso de linha francesa para tratar do discurso. Como observa Brandão (2004, p. 46), o discurso é um dos aspectos materiais de “existência material” das ideologias.

A formação ideológica de todos os indivíduos é construída ao longo das vivências e conhecimentos do ser humano, e isso se reflete nos pensamentos e, conseqüentemente, no discurso que aquela pessoa terá em relação ao mundo. Orlandi (2001, p.80) afirma que “as palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas”.

A intertextualidade interna traz à tona discursos do próprio emissor, nos quais ele mesmo cita palavras já ditas por outros e que foram guardadas na memória.

No nível da intertextualidade interna, interior ao campo, de maneira geral, a toda formação discursiva se vê associar uma memória discursiva. É a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas (BRANDÃO, 2004, p. 95).

O efeito do interdiscurso no indivíduo é uma mescla do já dito com a interpretação ou a mudança de alguns elementos no discurso já existente, mas que após o discurso original ser “esquecido”, passa a ser as palavras daquela pessoa (ORLANDI, 2001, p. 33-34). Na Análise do Discurso desenvolve-se um entendimento através de mecanismos de interpretação do discurso, discernindo assim não uma verdade oculta atrás do texto, mas um sentido que as palavras carregam. “Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (ORLANDI, 2001, p.26).

Em relação aos sentidos, que em AD é efeito, Fernandes (2007, p. 42) explica que

[...] uma formação discursiva não se limita a uma época apenas; em seu interior, encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, integrando novo contexto histórico, e, conseqüentemente, possibilitando outros efeitos de sentido.

O discurso é uma ferramenta de linguagem capaz de emitir sentidos, efeitos e interpretações, podendo ser tido como uma manifestação de linguagem, seja qual for a sua intenção. O discurso não se resume ao ato de falar e/ou escrever, mas se refere à ação de atos atrelados mesmo sem ter uma relação direta. “Não se pode pensar o discurso enquanto realização de um único ato de linguagem, mas que pode ser caracterizado pela dominância de um ato sobre outros” (OSAKABE, 1979, p. 56).

## 2.1 Discurso e sentido

Após dito, o discurso passa a ter um sentido, seja para o mundo ou para alguém, podendo ele ter sido pronunciado com um direcionamento, ou uma finalidade pré-definida. Segundo Guimarães (1995, p. 26), o sentido de uma sentença não é a referência que ela faz a um objeto ou um conjunto deles, mas sim o compilado de condições que tornam a sentença verdadeira.

Uma das definições da palavra sentido no dicionário Michaelis (2020) é “qualquer declaração sem levar em conta sua falsidade ou veracidade”, ou seja, o sentido se torna uma verdade para quem o entende, mas não é uma verdade de fato. Nessa perspectiva, Guimarães (1995, p. 27) esclarece que “as sentenças têm como sentido o pensamento que expressam e como referência seu valor de verdade”.

Na mesma definição, o sentido está registrado como uma “proposição”, assim como diz Deleuze (1975, p. 22): “posso sempre tomar o sentido do que digo como objeto de uma

outra proposição, da qual, por sua vez, não digo o sentido”. Assim, o sentido parte sempre do pressuposto da compreensão de alguma sentença, o que acaba tornando uma verdade para quem recebe as palavras. Anteriormente, palavras ditas sem um receptor eram apenas palavras ditas, soltas ao universo, mas atualmente com os movimentos tecnológicos, você pode se comunicar com muitas pessoas sem sair do seu lugar.

Já foi compreendido que o sentido de um discurso ou palavra pode variar conforme as formações ideológicas e, por isso, pode-se dizer que seus sentidos são entendidos conforme o seu emissor. “As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (ORLANDI, 2001, p. 42-43).

Para Guimarães (1995, p. 26), o significado de uma palavra é o que ela traz para a sentença, ou seja, o sentido de uma sentença é o conjunto de condições nas quais ela se faz verdadeira”. Já Pêcheux (1988, p. 102) explica que “todo discurso se cria a partir do esquecimento de uma intertextualidade, e os seus sentidos, portanto, se constroem no embate com outros sentidos”.

A concepção de verdade no discurso parte do pressuposto da interpretação dos seus sentidos, pois a sua busca não sendo absoluta se constitui pelo poder e gera efeitos na sociedade.

As articulações entre verdade e história no pensamento são distantes da concepção originária e universalista de verdade. A história é o lugar do acontecimento da verdade caracterizada por propor o poder não apenas de modo repressivo, mas também em sua parcela produtiva, já que ele produz discurso e formas de saber. A busca pela verdade não é algo absoluto, mas uma produção das práticas sociais, que se compõe pelo poder e também é geradora de efeitos de poder na sociedade (SILVA, 2019, p.14).

Tendo em vista que o objeto de estudo desta pesquisa trata-se de dois discursos proferidos por políticos, estudaremos o discurso político, na visão de estudiosos da política e de analistas de discurso.

## 2.2 Discurso político

Conforme Machiavelli (2020), o príncipe (político) deve fugir às circunstâncias que possam torná-lo odiado ou desprezado, para que, assim, consiga agir cumprindo o que lhe compete. Nesse sentido, o discurso político sempre está em busca de convencimento e concordância dos indivíduos.

Discurso, como uma palavra corrente no cotidiano da língua portuguesa, é constantemente utilizada para efetuar referência a

pronunciamentos políticos, a um texto construído a partir de recursos estilísticos rebuscados, a um pronunciamento marcado por eloquência, a uma frase proferida de forma primorosa, à retórica, e muitas outras situações de uso da língua em diferentes contextos sociais (FERNANDES, 2007, p. 9).

Seria errôneo generalizar essa afirmação, pois alguns políticos optam pelo contrário, como por exemplo, o discurso analisado neste artigo. No caso de Jair Bolsonaro, este utiliza um discurso incomum no meio político, no entanto, falando o que considera correto e necessário e, com isso, foi eleito presidente do Brasil em 2018. Ele realiza seus discursos com oralidade simplória, pois não possui o dom da palavra, portanto, não consegue ter a eloquência necessária para eles. A eloquência está na simplicidade, de acordo com seus eleitores. Uma das maiores bandeiras que Bolsonaro assumiu durante sua campanha foi a facilitação de posse de armas para a população e penalizações mais severas para alguns crimes, como a corrupção. No entanto, a sua forma de se expressar por vezes era agressiva ou ofendia algumas pessoas.

Através de técnicas da retórica e dialética, o discurso político atua com a intenção de atingir grande quantidade de pessoas, pois a política é a responsável por decidir diversas situações do cotidiano das pessoas. Nas palavras de Tupynambá (2008, p.2), o discurso político não é exclusividade dos governantes ou aspirantes.

Há três lugares de fabricação do discurso político, que são: “o da elaboração de sistemas de pensamento; o dos atos de comunicação entre atores da cena política; e, finalmente, o lugar onde se produz o comentário, em princípio alheio ao campo da ação política”. (CHARAUDEAU, citado por TUPYNAMBÁ, 2008, p.1)

Para Assis (2016), uma das formas de manipulação que é realizada através do discurso político é a dramatização, que, partindo de discursos de indignação e compaixão, apela para despertar sentimentos de identificação e sedução do auditório, assim como a exaltação de valores, o que Charaudeau (2008) aponta como uma maneira de ganhar eleitores com estratégias de captação de público e não necessariamente por ideologias.

Porém, um discurso que desperta identificação e proximidade com um indivíduo, mas que não condiz com a ideologia adotada, pode não obter êxito nos seus objetivos, pois as palavras devem estar em concordância com o que a formação ideológica irá guiar nas suas ações futuras.

Toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeitos. Nesse processo de constituição, a interpelação e o (re)conhecimento exercem papel importante no funcionamento de toda

ideologia. É através desses mecanismos que a ideologia, funcionando nos rituais materiais da vida cotidiana, opera a transformação dos indivíduos em sujeitos (BRANDÃO, 2004, p. 26).

O discurso político pode ter como objetivo persuadir ou convencer, o que pode diferenciar o discurso é o próprio interlocutor, pois a dúvida demanda de informações para que se chegue à uma decisão. O convencimento trabalha com fatos que esclarecem uma situação ou algum produto, enquanto a persuasão direciona a pessoa para determinada decisão. “[...] a distinção entre um ato de *persuadir* e um ato de *convencer* só pode ser feita se pensada numa distinção de contextos e não apenas numa distinção de condizer o ouvinte à aceitação de determinada posição” (OSAKABE, 1979, p. 54).

Conforme a relação e a reação do interlocutor, o discurso pode se modificar, tudo dependerá do objetivo traçado através daquele discurso. “Não se decide jamais a priori se um discurso visa *edificar* ou *persuadir* sem que se levem em conta as características fundamentais da situação e das relações entre os interlocutores” (OSAKABE, 1979, p.53).

Segundo Piovezani (2013, p.116), as condições de produção do discurso político envolvem diversos elementos que constituem as suas características e se manifestam em gêneros do discurso. Para o autor, os discursos

[...] englobam um grande número de razões, causas e fatores que constroem, arcam caracterizam [sic] o discurso: assim, encontram-se indissociavelmente relacionados as razões antropológicas e histórias próprias à sua constituição, as causas conjunturais que condicionam sua formulação simbólica, manifesta em gêneros do discurso.

Referindo-se ao discurso político em suas várias plataformas de transmissão, Piovezani (2013, p. 117) aponta a “proximidade distante”, que corresponde a uma “distância de intimidade” que ocorre na transmissão televisiva, por exemplo, onde o telespectador pode se sentir frente a frente com o locutor. No entanto, comparado ao encontro presencial com uma pessoa, esse contato próximo realmente acontece, tornando o discurso televisivo uma “ilusão” de contato, pois um discurso em palanque tem um funcionamento diferente, tanto no uso das palavras, como no comportamento do político.

O discurso gravado requer uma noção dos efeitos daquelas palavras nos eleitores, enquanto presencialmente já é possível perceber as reações das pessoas. “O discurso oral de uma autoridade também tem sido entendido como uma fonte fidedigna de construção do sentido, o que faz com essa mesma tradição ocidental seja dominada por um *fonocentrismo* insustentável” (CEIA, 2009).

A partir das noções do discurso, sentido e discurso político estudadas até aqui, passamos ao tópico da desconstrução proposta por Derrida (1995), que pode auxiliar em uma percepção de verdade, pois separa o discurso em partes para que se possa compreendê-las separadamente e depois juntas novamente, assim produzindo efeitos de sentido como sugere a AD.

### 3. Desconstrução

Partindo do princípio de contrariar o estruturalismo, Derrida tornou a desconstrução pública em uma conferência em 1967. “Se o estruturalismo pretendia *construir* um sistema lógico de relações que governaria todos os elementos de um texto, a desconstrução pretendia ser uma crítica do estruturalismo, que não passava apenas de um dos episódios da tradição metafísica ocidental que merecia ser revisto” (CEIA, 2009).

A desconstrução pode ser vista como desfazer algo, mas ela vai além do que somente “desmanchar” algo, na medida em que busca compreender cada elemento dentro de um discurso, visualizando aquilo que não é dito, mas está presente, trazendo liberdade ao sentido e produzindo significação, que para a AD é efeito de sentido. “A desconstrução não produz conceitos nem tampouco determina o sentido dos objetos, ela é antes de tudo o indizível, a impossibilidade de afirmar, a abertura e a liberdade do sentido, a fenda” (DERRIDA, 1995, p. 121).

Na desconstrução, pode-se criar uma nova configuração para um discurso, como a própria estrutura da palavra nos expressa. “A palavra contém não apenas ‘des’, mas igualmente o prefixo ‘com’, indicando um movimento que não apenas rompe ligações, mas as reconstitui sempre em uma nova configuração” (MAGALHÃES, MAGALHÃES, 2016, p. 99)

Conforme Andrade (2016), o processo de pensar a desconstrução é difícil, pois implica na compreensão do movimento, assim como se percebe que a desconstrução é um ato de linguagem que carrega várias questões que necessitam ser explicitadas. Esse desmonte, nas palavras de Goulart (2003, p. 10), tem como objetivo “questionar a estrutura interna dos textos, com a finalidade de pôr a descoberto aquilo que os sintomas dos enunciados acobertam”.

Atualmente, o termo desconstrução está em grande uso para se referir ao ato de se “desfazer” de ideais antigos, tabus da sociedade, entre outros assuntos que causam discussão entre pessoas. O foco dessa desconstrução é o discurso, que, para análise do discurso, este visa uma abertura de mentes coletiva ou individualmente, para que as formações ideológicas possam se entender e mudar. Segundo Pêcheux, citado por Gregolin (1995, p. 18), “os valores

ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente”.

Para que se tenha dimensão dos sentidos existentes em um discurso, a desconstrução entra em uso, não para trazer destruição, mas para trazer à tona os diversos elementos presentes dentro das palavras. “É preciso desconstruir para edificar os múltiplos sentidos possíveis, além dos intencionados originariamente, não para destruir, mas para reconstruir” (GOMES, 2018, p. 1).

De acordo com Gomes (2018), o status de conhecimento pela desconstrução se dá pela leitura atenta dos enunciados e pelas suas respectivas disseminações e diferenciações, questionando sobre as pressuposições presentes no discurso. Nessa direção, tanto nos conceitos de análise do discurso, como na desconstrução, podemos perceber elementos de linguagem que se assemelham, como a observação atenciosa sobre as palavras, buscando ir além do que é dito, mas se aprofundando nos diversos sentidos que as palavras podem gerar para cada indivíduo.

Na sua individualidade, a desconstrução desfaz para refazer – enquanto a AD estuda os efeitos de sentidos do discurso –, mas não remonta um possível novo sentido, como se pode interpretar na teoria anterior. No momento em que o discurso é proferido, através do interdiscurso, o processo de desconstrução pode ter início, pois o funcionamento da linguagem não depende da escolha do locutor de colocá-la em ação ou não. Segundo Guimarães (1995), a língua se dá na medida em que o indivíduo ocupa a posição de sujeito no acontecimento, isto é, a língua entra em funcionamento e produz sentidos através do interdiscurso.

O pensamento de Breál (1992, p. 125) complementa o processo de desconstrução como um distanciamento da fala original, mas sem excluir suas palavras e suas características. É uma atitude necessária para dividir os elementos do discurso e entendê-los separadamente, para depois uni-los novamente. “Quanto mais a palavra se distancia de suas origens, mais está a serviço do pensamento: segundo as experiências que fazemos, ela se restringe ou estende, se especifica ou generaliza”.

Para isso, “é preciso observar como os objetos de discurso foram representados no decorrer da história, pois todo enunciado é produzido sob determinadas condições de produção discursiva outras articuladas a discursos e outras condições de produção” (SILVA, 2019, p. 5)

A desconstrução explora os diversos sentidos presentes no indizível, transformando o impossível em possível e, assim, interpretando-os.

Desconstrução que, ao contrário, quer encontrar o seu deslimite e a sua impossibilidade em uma forma do alargamento do possível, senão da história mesma, que seja ela a história dos fatos ou da metafísica. É exatamente esse “impossível” na história que interessa a Derrida; e o

interessa na medida em que vê nele a lógica do acontecimento contrapondo-se à lógica da história. Assim, se alguma coisa acontece segundo a efetivação de uma possibilidade, isto é, enquanto possibilidade na ordem do previsível e do disponível, isto significa que a coisa já estava ‘lá’ de certo modo inscrita no cálculo da norma ou em alguma teoria historiográfica que revalidasse a sua possibilidade mesma (BORGES, 2020. p. 20).

Em a *Escritura e a Diferença*, obra de Derrida (1995), o termo “*différance*” é citado diversas vezes pelo filósofo para se referir ao indeterminado, para a diferença da escritura. Na explicação de Gomes (2018, p. 4),

A *différance* remete ao indeterminado. É costume agir demarcando, delimitando, metodologizando. A *différance* é um caminho que abre a possibilidade de muitos caminhos. A voz média da *différance* rompe com a tentação totalizadora da filosofia e uma pretensão descritiva suficiente da realidade, pois deixa espaço para a discordância, a distinção e a diversidade.

Segundo Cotias (2014), na concepção de Derrida, nós pensamos por três eixos centrais, sendo eles: 1) Deus; 2) Humano; e 3) Verdade. No primeiro eixo, nossos pensamentos são formados de maneira dogmática, sem questionamentos, enquanto no segundo, os pensamentos são baseados nas contingências humanas, naquilo que a nossa capacidade empírica nos proporciona. O terceiro eixo acaba sendo desconstruído pelo próprio Derrida após um período, mas nele contém o seguinte conceito: “a verdade nada mais é do que falsas sensações tranquilizadoras que nós aceitamos.”

De acordo com Cury (2020), Derrida parte do princípio da razão, que vem de encontro com o mito, que poderia ser interligado à verdade, no entanto, como já citado, Derrida não considerava a verdade realmente existente, mas uma falsa sensação de verdade. A desconstrução de Derrida teve seu início com o propósito de desconstruir o logocentrismo, pois o considerava como “um etnocentrismo, ou seja, o logocentrismo é ocidental: é a metafísica grega, nascida com o alfabeto grego, dominante no nosso pensamento, fundadora da própria filosofia e da ciência” (REGO, 2015, p.249).

O termo logocentrismo critica o pensamento ocidental, que, segundo Ceia (2009) explica, é a centralidade das palavras (“logos”), dos sistemas de pensamentos e ideias como matéria inalterável.

As verdades que o logocentrismo ou “da presença” veiculam são sempre tomadas como definitivas e irrefutáveis. O discurso oral de uma autoridade também tem sido entendido como uma fonte fidedigna de

construção do sentido, o que faz com essa mesma tradição ocidental seja dominada por um *fonocentrismo* insustentável (CEIA, 2009) .

Conforme as ideias do filósofo da desconstrução, a razão não é responsável por trazer uma verdade absoluta, pois ela pode não existir. O eixo do conhecimento (eixo humano) é guiado de acordo com as sensações do indivíduo, enquanto no eixo Deus, o ser humano entende o mundo sem muitos questionamentos, apenas permite que aquilo seja a sua “verdade”. Portanto, a crença pode ter efeito direto nos três níveis de percepção das pessoas, segundo a concepção filosófica de Derrida, principalmente no terceiro, que é o eixo da Verdade.

Na Idade Média, a escrita de Deus, a verdadeira, é a natureza, que pode ser lida como um livro. Ora, certamente é uma metáfora chamar a natureza ou a alma de escritas de Deus. E a escrita visível aparece aí como limitada e imperfeita. Isto nos parece claro? Compreendemos isto? Derrida propõe que temos aí a revelação de que talvez o sentido próprio da escrita fosse algo como a primeira metáfora. Mas, para pensar nisso, seria necessário não acreditar em Deus; caso contrário, isso não seria uma metáfora e sim um fato empírico. Em outras palavras, o fato de podermos pensar a verdade como uma forma de escrita revela à Derrida que a essência da escrita talvez seja a própria metaforicidade: momento em que a escrita parece revelação, imediatez, mas ao mesmo tempo, se mostra relativa ou transitória (REGO, 2015, p.255).

Segundo Cabral (2020), Derrida questiona a totalidade do psíquico que se apresenta em dois pensamentos, que derivam de Freud: o conteúdo do psíquico e a estrutura do aparelho psíquico. O último, pode ser chamado de psique e primeiramente foi dividido em inconsciente, pré-consciente e consciente e posteriormente, foi transformado em três elementos que são responsáveis pelas ações e reações: O Id, Ego e Superego.

Para Rego (2015, p. 277), “a metáfora da escrita invade a totalidade do psíquico e se apresenta em dois âmbitos: o conteúdo do psíquico, que será representado por um texto de essência irredutivelmente gráfica, e a estrutura do aparelho psíquico, que será representada por uma máquina de escrever”. O autor complementa que,

Na leitura derridiana, Freud traça um percurso que configura uma “estranha progressão”: uma problemática de trilhamento vai sendo elaborada no sentido de se assemelhar mais e mais a uma metafórica do traço escrito. No Projeto, Freud trata de um sistema de traços que seria natural, ou seja, neuronal (REGO, 2015, p. 277).

Na segunda divisão feita por Freud, onde a psique é dividida entre Id, Ego e Superego, os conceitos continuam semelhantes às versões anteriores, iniciando pela menor

porção da mente humana, que são tudo o que temos consciência no momento, passando pelas informações que chegam mais facilmente na mente, chegando até os pensamentos que muito acreditam já ter esquecido, mas que permanecem em um espaço “oculto” da mente.

Segundo Lima (2010), o id foi concebido como um conjunto de conteúdos de ordem inconsciente e de natureza pulsional, constituindo assim, o polo psicobiológico da personalidade. Enquanto o ego se desenvolve a partir da diferenciação de capacidade psíquicas entrando em contato com a realidade exterior. Sendo sua atividade consciente, unindo a percepção aos processos intelectuais, em parte pré-consciente e até inconsciente.

Segundo Rego (2015, p.285), Derrida demonstra na sua análise que Freud finalmente encontra uma máquina que serve de modelo para o aparelho psíquico, através das duas séries de metáforas: o aparelho psíquico como máquina e o psíquico como escrita, que culminam com o texto sobre o bloco mágico.

Para Derrida (2001, p.48), desconstruir a oposição (filosófica) tem como significado inverter a hierarquia, o que não se pode descuidar, pois significa o esquecimento da estrutura subordinante e conflitiva da oposição.

Fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um face a face, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia (DERRIDA, 2001, p. 48).

A obtenção de “verdade” através da desconstrução pode ser percebida como o desmembramento de uma escritura, não a interpretando na sua literalidade, o que é considerado por Derrida:

A verdade do que é: a escritura ao pé da letra não tem, aí, nada a ver. Antes, aí, tem a (se) cegar. E aquele que acreditasse ter por meio de um grafema produzido a verdade, daria prova da maior tolice (euétheia). Enquanto o sábio socrático sabe que nada sabe, aquele tolo não sabe que já sabe o que acredita aprender da escritura, e que não faz mais que se repor em memória pelos tipos (DERRIDA, 2005, p. 85).

Para o filósofo, um texto só é um texto se ele, ao primeiro encontro, ao primeiro olhar, conseguir manter ocultas a lei de sua composição e a regra de seu jogo. “Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei e a regra não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas nunca se entregam, no presente, a nada que se possa nomear rigorosamente na percepção” (DERRIDA, 2005, p.37).

Derrida parte do conceito de Saussure, onde o corte saussureano nega os três elementos: história, objeto e sujeito, passando a considerar o significante e o significado. Sobre os signos e significados, Derrida (1973, p. 8) cita que “não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo de remessas significantes, que constitui a linguagem”.

E continua dizendo que “o advento da escritura é o advento do jogo; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranquilizantes [...]” (DERRIDA, 1973, p. 8). E como consequência, tudo isto acaba sendo equivalente à destruição do “signo” e de toda a sua lógica.

Acerca da problemática da linguagem, Derrida (1973, p. 7) aponta que existe a “inflação do próprio signo, a inflação absoluta e a inflação mesma” e que a linguagem se acha “ameaçada em sua vida, desamparada, sem amarrar por não ter mais limites”. E na desconstrução, Derrida (1973, p. 30) explica que os movimentos de desconstrução não solicitam estruturas externas e operando de dentro, emprestando da sua estrutura antiga todos os recursos estratégicos e econômicos da subversão, ou seja, “sem poder isolar seus elementos e seus átomos, o empreendimento de desconstrução é sempre, de certo modo, arrebatado pelo seu próprio trabalho”.

Derrida (1991, p. 253) ressalta que a desconstrução começou a agir de maneira que os discursos não eram somente palavras, mas elementos a serem percebidos separadamente. Para ele,

todo e qualquer texto da metafísica traz em si, por exemplo, o conceito dito “vulgar” do tempo e os recursos que recolheremos no sistema da metafísica para criticar esse conceito. E esses recursos são requeridos desde o instante em que o signo “tempo” em geral, - a unidade da palavra e do conceito, do significante e do significado “tempo” em geral, quer ele seja ou não limitado pela “vulgaridade” metafísica - entra em funcionamento num discurso (DERRIDA, 1991, p. 98).

Segundo Derrida (1991, p. 252), ainda que a metafísica tenha apagado vários discursos políticos e tenha fornecido todos os sentidos de cima para baixo, sempre será possível reativar a inscrição primitiva e restaurar o “palimpsesto” (texto que é escrito sobre outro). Assim como os palimpsestos, a desconstrução auxilia em uma nova visão sobre o que já existe, em uma interpretação que possivelmente e geralmente não é a única existente, mas uma das novas formas que o discurso pode receber.

#### **4. Análise**

#### 4.1 O discurso de Jair Bolsonaro

O primeiro discurso objeto de análise foi proferido no dia 24 de março de 2020, pelo presidente da república Jair Messias Bolsonaro, em cadeia nacional, quando o coronavírus estava se espalhando pelo país. No início de seu discurso, divulgado na íntegra por Uol (2020), o presidente se refere à expectativa pela chegada do vírus.

*Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil.*

O vírus estava se espalhando com muita força pela Europa e também nos Estados Unidos. A Europa já estava decretando isolamento social em vários países. No Brasil, até aquela data, os números eram de 2.201 casos confirmados em todo o país e de 47 mortos. A contaminação comunitária ainda não era uma realidade em todos os estados do Brasil, mas os especialistas em saúde demonstravam suas preocupações com uma possível explosão de casos se medidas não fossem tomadas. Os técnicos do Ministério da Saúde, então comandado por Luiz Henrique Mandetta – depois demitido, e os cientistas aconselhavam também adotar o isolamento social no país para conter a disseminação do vírus, o que significava fechar o comércio e manter as pessoas em suas casas. Dado esse contexto, podemos desconstruir a fala do presidente para verificar o significado, bem como e os efeitos de sentido, conforme os estudos da AD.

Segundo Andrade (2016, p. 7), a desconstrução é uma forma de linguagem que não se prende a uma estrutura ou a um conceito, mas que acontece na abertura, ou seja, se dá na “destruição”. Não é uma destruição completa, pois depois de realizado o desmonte e compreendido o sentido, o discurso é reconstituído. Vamos lembrar que a desconstrução considera a significação, segundo Derrida (2001). Não é um método interpretativo, mas faz uma releitura com liberdade interpretativa.

Sobre os sentidos, Orlandi (2001, p. 10) aponta que os sentidos não estão soltos, mas estão sempre “administrados”.

Então, considerados os aspectos teóricos, podemos analisar que, na frase acima, ao dizer que o governo *começa a se preparar para enfrentar o coronavírus*, significa que o presidente não deu importância até aquele momento à sua disseminação. O vírus já estava no país com mortes e contaminações e o governo ainda ia começar a se preparar. Isso leva ao efeito de sentido de que o chefe do poder executivo, que tem a responsabilidade de proteger os cidadãos, ainda não estava enfrentando com medidas e investimentos na área da saúde, apesar de o vírus já ter chegado, ou seja, demonstra uma negação da gravidade da pandemia.

Em seguida, ele afirma que sua intenção era conter o pânico e a histeria da população – *Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria*. Nessa afirmação, sobre evitar que a população se assustasse com o vírus, transparece o intuito de minimizar a percepção das pessoas sobre os impactos que o vírus poderia causar, como se os cientistas e as pessoas que concordavam com as medidas preventivas fossem inimigos que queriam prejudicar o país. Isso vem ao encontro do que diz Machiavelli (2020, p. 27) sobre o político: [...] “geralmente, onde um conspirador teme antes da execução do mal, se tiver o povo por inimigo, deve temer ainda mesmo depois de ocorrido o fato, não podendo por isso esperar qualquer amparo” (MACHIAVELLI, 2020, p. 72).

Desconstruindo essa fala, a interpretação vai no sentido de que não era o vírus que precisava ser contido, mas o *pânico* e a *histeria*, o que pode ser interpretado como uma crítica, tanto à ciência, que pregava desde o início a adoção de métodos de prevenção, e à imprensa, que noticiava os casos, até com programação especial, para alertar a população sobre os cuidados para se prevenir da contaminação, sabendo da sua gravidade pelo exemplo de outros países e pelos advertências dos órgão mundiais de saúde. Ou seja, traz como efeito de sentido uma crítica, tratando a ciência e a imprensa como inimigos. Assim, era preciso contê-los e não a disseminação do vírus com as medidas preventivas.

A seguir, o presidente diz: *E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa*. Com esse apelo de querer manter a economia do país, ele argumenta que ao mesmo tempo em que se deve pensar em salvar vidas, como os cientistas vinham alertando, deve-se evitar o desemprego, o que neste período se tornou algo muito confuso para as pessoas, pois ao mesmo tempo em que queriam se manter seguras, também temiam não ter mais dinheiro para arcar com suas despesas básicas. O efeito de sentido do trecho remete à segurança econômica do país, sendo assim, ao argumentar o presidente explicitou preocupação com as consequências e impactos econômicos que o cenário atual poderia causar. Ao se desconstruir essa fala, pode significar que, como presidente, ele informaria as estratégias governamentais tanto para salvar vidas como evitar e o desemprego. Como destaca Guimarães (1995, p. 78), “argumentar é, assim, conduzir o texto para seu futuro, para seu fim (final/finalidade)”. No entanto, não é isso que o presidente faz, como podemos ver na sequência do pronunciamento.

Em vez de informar quais estratégias para salvar vidas e evitar o desemprego seriam adotadas pelo governo, Bolsonaro atribuiu a sensação de medo e pavor que as pessoas começaram a sentir ao trabalho da mídia, indicando que a grande veiculação de notícias sobre

as mortes da Itália, país que a princípio não adotou medidas de isolamento social, foram alarmantes para os brasileiros.

*Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país.*

Pode-se dizer que quem foi na contramão foi o presidente. O que de fato não é uma inverdade sobre o número de vítimas da Itália, porém, o argumento da comparação não se justificava naquele momento. Era extremamente necessário e ainda que as pessoas tivessem conhecimento dos números, pois mesmo com eles, algumas pessoas continuaram ignorando os fatos. Como exposto por Guimarães (1995, p. 78), “é preciso considerar para o tratamento da argumentação o lugar para a tomada de posição do sujeito da enunciação”. A comparação traz como efeito de sentido que no Brasil não se justificaria a adoção de medidas, dadas as diferenças entre os países. Por outro lado, demonstra uma indiferença em relação à população daquele país que estava sofrendo consequências também da falta de medidas dos seus governantes.

Os elementos deste trecho demonstram a intenção de uma tentativa de redução de pavor, mas, mesmo assim, o discurso não trouxe mais tranquilidade e nem sensação de segurança para a população. O objetivo da fala foi desacreditar as informações transmitidas pela imprensa, a inimiga da população. Isso está posto no trecho seguinte, que contraria os alertas dos cientistas ouvidos pela imprensa e, por outro lado, culpa inimigos políticos por medidas que, na sua ótica, prejudicaria a economia.

*Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa.*

Uma perspectiva de análise é que o início do isolamento social decretado por alguns estados foi no mês de março e, pelas palavras do presidente o que recém havia começado deveria chegar ao fim. Pela falta de políticas nacionais, os próprios governadores e prefeitos de cidades que apresentavam índices maiores de contaminação haviam decretado o fechamento de escolas, comércios não essenciais, redução da circulação de transporte público. As pessoas que necessitavam permanecer trabalhando estavam sob um risco até então desconhecido, sem uma solução segura, somente o isolamento para quem pudesse. E por isso, a declaração de que comércios e escolas deveriam ser reabertos é que poderia causar um aumento do pânico.

Em relação à “*volta à normalidade*”, primeiro, pode-se dizer que não havia possibilidade de *voltar à normalidade*. Mesmo naquele início da pandemia no Brasil, os estudiosos e cientistas já falavam em um novo normal com as pessoas tomando cuidados. Ao mesmo tempo, as previsões do pico do vírus se modificavam com o passar dos dias e os números não diminuía, pelo contrário, aumentavam a cada dia. A possibilidade de um retorno normal já não era uma realidade em alguns lugares do mundo, inclusive em países mais desenvolvidos. Então, não era uma novidade o que estaria para acontecer no Brasil.

Para retornar às atividades, no mínimo as pessoas teriam que se adaptar a medidas de segurança, como utilizar álcool em gel, máscaras e evitar contato próximo com outras pessoas nesse chamado novo normal. Normalidade essa, que não permite a socialização entre os indivíduos e que traz riscos à saúde da sociedade em geral por ser algo silencioso, pois o tempo que o vírus demora para se manifestar já é suficiente para que várias pessoas sejam contaminadas por uma só pessoa que não tenha respeitado o isolamento.

Partindo do princípio de Derrida (1995), a linguagem invade o campo problemático universal e na ausência do centro ou de origem, tudo se torna discurso. Um dos motivos que tornam o estudo da desconstrução tão necessária é a inversão das hierarquias e, com isso, a possibilidade de fazer justiça em relação a discursos autoritários, caso de Bolsonaro: “fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um face a face, mas com uma hierarquia violenta” (DERRIDA, 2001, p. 48). Significa que o presidente estava marcando sua posição e determinando a normalidade para não prejudicar a economia, assim como culpando imprensa e inimigos políticos pelo *conceito de terra arrasada*, nas palavras dele. E ainda por cima reforça a negação da gravidade da situação ao desqualificar o isolamento ou distanciamento social como medida de proteção da saúde dos seus governados.

No momento em que o presidente declarou essa volta à normalidade, ele atinge principalmente, as pessoas que dependem de transporte público para se locomover ao local de trabalho, as mães que precisam deixar seus filhos em creches para poderem trabalhar, ou seja, as pessoas que mais necessitam de atenção do poder público. Quando o presidente se refere aos governadores e prefeitos como *poucas autoridades estaduais e municipais*, os coloca na qualidade de seus adversários políticos, trazendo como efeito de sentido a politização da pandemia. Os demais, segundo sua opinião, a maioria, portanto, compartilham com sua opinião e de desqualificação do o isolamento social.

Continuando o pronunciamento, ele declara: *No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada*

*sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.*

Logo no início deste trecho, Bolsonaro cita que: “*No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar*”, deixando claro que estava pensando primeiro no seu caso, que ele não deveria se preocupar, pois tinha um histórico de atleta. Por outro lado, personifica-se como um exemplo a ser seguido. Porém, sua idade o faz pertencer ao grupo de risco e até aquele determinado momento não havia comprovações de que apenas as pessoas do grupo de risco iriam ser acometidas pela doença, sendo que em outros países várias faixas etárias haviam sido contaminadas. Além disso, havia o risco de as pessoas transmitirem o coronavírus para seus familiares idosos, principalmente, que realmente tem maior probabilidade de adoecerem gravemente pela baixa imunização.

Também não havia comprovação que atletas estavam imunes ou prevenidos da doença provocada pelo vírus. No dia 26 de março, dois dias após o pronunciamento, a revista IstoÉ entrevistou uma médica que explicou que ser atleta não é garantia de imunidade ao vírus. A consultora da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), Eliana Bicudo, afirmou que os atletas têm como principal vantagem contra qualquer doença o estilo de vida saudável e a rotina de treinos. No entanto, declarou que “o fato do indivíduo ser atleta e não ter comorbidades como hipertensão, sobrepeso e uso de cigarro leva com que o paciente tenha uma resposta melhor ao tratamento. Mas ele não deixaria de pagar coronavírus apenas por ser atleta” (ISTOÉ, 2020).

A comprovação da negação e desqualificação da gravidade da doença vem na comparação: *nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho*. Portanto, Bolsonaro não dá a devida importância à doença, principalmente aos sintomas que a mesma pode trazer. Geralmente nos referimos a resfriadinho como algo costumeiro e que não causa grandes impactos à saúde. Um chá e um antigripal resolvem o problema. Ao desconstruir o discurso do presidente também nos mostra que ele desconstruiu gravidade da pandemia. Fonseca (2008, p. 58) destaca que a desconstrução consiste em “acompanhar o movimento de rastro que segue como origem”. Nesse sentido, o presidente minimiza o perigo de contaminação e ao dar próprio exemplo tem como efeito de sentido que ele próprio não o teme. Para as pessoas em geral, assim, por que temer se o presidente não tem medo. Um exemplo a ser seguido, segundo ele.

Reforçando, Bolsonaro desconstrói a pandemia mais uma vez, ao tentar banalizar a doença perante a população, mas não sabia ao certo como ela iria se manifestar no país. Ao compará-la com um mero resfriado ou gripe, minimiza os sintomas da doença, desacreditando

a necessidade de mudanças no comportamento social e no sistema de saúde para que os afetados pelo vírus pudessem realizar seus tratamentos.

Assim, ele justifica a inoperância governamental. Todos os equipamentos necessários para o auxílio no tratamento seriam investimentos do governo para preparar as redes públicas de saúde para atender a população, salientando que o sistema público de saúde atual é precário, muitas vezes não oferecendo os recursos e medicamentos necessários para o tratamento de qualquer outra doença e o bem estar da população, que normalmente se depara com hospitais superlotados, falta de médicos e muitas vezes de um leito.

Além disso, ao declarar: *como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão*, Bolsonaro traz um tom irônico sobre uma fala feita anteriormente pelo médico Drauzio Varella, onde ele afirmava que o Brasil não iria chegar em uma situação como na época da Gripe Espanhola. Drauzio Varella voltou atrás quando percebeu a gravidade da pandemia, tanto que o vídeo oficial foi retirado do ar. Enquanto Bolsonaro continuou com a mesma percepção. Ao se referir ao Dr. Drauzio Varella como *aquele conhecido médico*, Bolsonaro não cita o seu nome, mas ironiza tanto a sua profissão quanto a sua participação em programas da Rede Globo, classificando-a como aquela *conhecida televisão*, que o presidente costuma citar como um veículo que o persegue. Assim, o efeito de sentido leva à minimização legitimada por outros discursos. “Os efeitos de sentido estão ligados ao discurso e o discurso é efeito de sentido entre seres humanos em interlocução” (RODRIGUES, 2014, p. 2).

Esse foi o primeiro discurso polêmico do presidente durante a pandemia do novo coronavírus, o que deixou uma parcela da população chocada e outra mais tranquilizada, mesmo que o termo *resfriadinho* já tenha sido proferido por Drauzio anteriormente. Sabe-se que, para seus seguidores, sua palavra é lei. Assim, pode-se inferir que sua fala era para seus seguidores, que a partir daí poderiam espalhar a desqualificação da doença. A figura que Jair Bolsonaro representa no país, como o governante do principal poder da República, tornou suas palavras mais pesadas. Segundo Fernandes, (2005, p. 10), o discurso se encontra no social e envolve questões de natureza não exclusivamente linguística, ou seja, além da linguagem, o discurso é percebido pela formação ideológica presente nele.

A postura que o presidente demonstrou nesse pronunciamento, desconstrói a tanto a pandemia, quanto gravidade do vírus, pois a pandemia já estava acontecendo em outros países e no Brasil. Algumas pessoas já haviam sido contaminadas e até falecido, o que já era um sinal de alertar para a população e principalmente pelo papel do presidente da República de procurar compreender o problema para pensar em soluções. Mas, ao contrário, ele levantou dúvidas, atacou adversários políticos, imprensa e ciência.

De acordo com Fernandes (2005), para falarmos em discurso, devemos considerar os elementos que existem no social, as ideologias, a História. E com isso, pode-se afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e se transformando, acompanhando as transformações sociais e políticas de natureza que integram a vida humana.

Na finalização do seu discurso, Bolsonaro atribui a Deus a capacitação dos envolvidos para tentar descobrir uma cura para a doença, sem citar a necessidade ou o fornecimento de investimentos na área da saúde, para assim, isso se concretizar: *Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura desta doença.*

Contudo, podemos compreender que Bolsonaro retorna ao seu lema de campanha e de governo: *Brasil acima de tudo e Deus acima de todos*, de modo que acaba transferindo a responsabilidade da cura da doença a Deus. Retornando ao conceito do funcionamento do pensamento, de acordo com a teoria da desconstrução, através dos três eixos centrais citados por Cotias (2014): o Deus, o humano e a verdade, eles se tornam mais perceptíveis na finalização do discurso do presidente, onde ele determina uma verdade, demonstra atitudes que não o tornam mais humano e posiciona Deus como solução para a verdade do problema.

A verdade que Bolsonaro traz é a ‘certeza’ de que os impactos do vírus não seriam capazes de afetar a população a ponto de fragilizá-la em grande escala. A humanidade é colocada em segundo plano, pois ele demonstrou mais preocupação com a questão econômica do país do que com a saúde dos brasileiros. E no eixo Deus, pode-se ter a compreensão de que a resolução de problemas seria através da religião, confiando na possibilidade de se obter uma cura não pelo meio da ciência, mas da fé.

Sobre os efeitos de sentido, Basséggio e Dias (2008) consideram que o emissor do discurso visualiza um receptor, utilizando-se do mecanismo de antecipação. Ele se coloca no lugar de interlocutor, tentando prever a sua reação diante de um discurso. Dessa maneira, já prevê os efeitos de sentido que podem ser obtidos e maneja o seu discurso de acordo com os efeitos de sentido que espera que o seu interlocutor entenda.

Podemos interpretar que a intenção de Bolsonaro como emissor era exatamente essa. Desse modo, a ideologia sempre determina os sentidos. Percebe-se, portanto, que o discurso do presidente vai sempre na contramão das autoridades sanitárias e, via de regra, busca sempre culpados para os problemas que tem de enfrentar, no caso, os adversários políticos e a imprensa.

A respeito do discurso de Bolsonaro podemos acrescentar que a ciência é o estudo aprofundado que busca explicar o funcionamento do universo, através de estudo metodológico e sistemático que envolve verificações, medições e análises, visando compreender os fatos e

transformá-los em dados. Sendo assim, as informações que a ciência apresentou sobre a doença não era mera especulação, mas sim dados evidenciados através da pesquisa e análise do que estava ocorrendo em outros países.

Nesse sentido, o presidente descredibiliza os estudos que apontavam riscos para o país e tenta transformar seu discurso em verdade, e, ao mesmo tempo, desconstruiu a ciência dando destaque à religião como responsável pela cura. Sabe-se que a crença em Deus não pode ser tomada como uma verdade absoluta, pois para quem crê não são necessárias provas da sua existência e da sua ação, porém, não pode ser comprovada.

Em seu plano de governo, Bolsonaro priorizava a estabilidade econômica do país. Ao se deparar com o vírus, o encarou como um vilão que poderia colocar em risco o que ele dizia que iria melhorar. E então, percebeu que com o fechamento dos comércios, escolas e outros estabelecimentos também viriam os gastos com a preparação dos hospitais para cuidar das pessoas que iriam se contaminar, com medicamentos, equipe médica e equipamentos de alto custo que os hospitais não disponibilizavam, como respiradores e UTIs.

O presidente tentou convencer a população de que o mais importante era manter a economia estabilizada, pois caso não sofressem com os impactos da doença, sofreriam com os impactos do desemprego, falta de matéria prima, aumento dos preços nos mercados e comércios e que se isso se concretizasse, ele seria o culpado. Assim, culpa os outros, além de tudo.

#### 4.2 O discurso de Davi Alcolumbre

Evidentemente o discurso do presidente provocou reações e até surpresa frente ao descaso exposto. No mesmo dia, assim como tantas autoridades, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, divulgou uma nota onde expõe um posicionamento contrário ao do presidente da República, divulgada em Terra (2020), que passamos a desconstruir também para promover a análise, a partir da teoria de Derrida (1995) e colocar a descoberto o que pode significar além do que está dito, assim como sentidos. O texto começa com a seguinte frase:

*Neste momento grave, o País precisa de uma liderança séria, responsável e comprometida com a vida e a saúde da sua população.*

O presidente do Senado já havia percebido a gravidade do vírus para a população e por isso externou sua percepção diante do discurso do presidente. Ou seja, para o líder do poder legislativo, a liderança de Bolsonaro não é séria, responsável e comprometida, e por isso, o país se encontra em um momento de fragilidade governamental e emocional. Percebe-se neste trecho citado acima, que Alcolumbre cita a necessidade de um presidente com características que o tornem uma figura mais

receptiva e, sobretudo responsável pelo destino das pessoas, durante este período. Como apontando por Machiavelli (2020, p. 70), um príncipe não precisa de fato possuir algumas qualidades, mas necessita parecer tê-las, como por exemplo: “parecer piedoso, fiel, humano, íntegro, religioso”. Tudo que Bolsonaro nem se preocupou em pelo menos aparentar ser e que Alcolumbre logo criticou.

Na próxima afirmação, Alcolumbre demonstra desaprovação a respeito do discurso que Bolsonaro proferiu. Um dos motivos que o levaram a ter essa percepção é a noção de que o discurso político não deve ser exposto de forma rude, mas que demonstre preocupação e sensibilidade diante da sociedade assustada com um vírus que estava entrando com força no país e que esperava uma sensação de segurança partindo do presidente da república.

Escreve ele: *Consideramos grave a posição externada pelo presidente da República hoje, em cadeia nacional, de ataque às medidas de contenção ao Covid-19*. Diante da figura que Bolsonaro representa para o país, o seu estilo de discurso pode ser questionado como político e como cidadão, pois antes de ser político ele é um civil. Mas como autoridade máxima, o seu pensamento deveria ser empático com a população, pensando além do que deveria falar como presidente, mas também pensando no que gostaria de ouvir como um cidadão diante de tantas incertezas. Isso vai ao encontro do que diz o presidente do Senado.

Segundo Osakabe, (1979, p. 90), os discursos políticos podem se apresentar de duas formas, como discurso político-militante e discurso político-teórico e os dois respondem para as consequências que os contextos impõem. A diferenciação entre os discursos é que “o discurso político-teórico se distingue do discurso político-militante pelo fato de que ele se justifica por se dirigir a um ouvinte situado acima dos limites temporais de sua própria elocução”.

O discurso de Bolsonaro foi na direção do político-militante e que Alcolumbre logo identificou pelo sentido de sua fala ao considerar *grave a posição externada*.

Ao afirmar que o presidente estava em posição de ataque às medidas de contenção, Alcolumbre evidencia novamente o posicionamento contrário ao do presidente a tudo que estava sendo apresentado sobre o vírus. Isso fica claro no trecho seguinte: *Posição que está na contramão das ações adotadas em outros países e sugeridas pela própria Organização Mundial da Saúde (OMS)*.

Mesmo acompanhando a postura adotada pelos presidentes de outros países em relação à contenção da contaminação e às medidas de segurança propostas pela OMS, Bolsonaro permaneceu convicto do seu discurso. Cabe salientar que a OMS é uma agência especializada em saúde que tem como objetivo garantir o mais alto padrão de saúde para todos os indivíduos. Assim, pode-se observar um descrédito ao discurso do presidente, apontando que ele está andando em posição contrária aos outros países e também à OMS.

Sobre o político, Machiavelli (2020, p. 69) explica que um príncipe “deve ter muito cuidado em não deixar escapar de sua boca nada” que contrarie as qualidades de um bom governante. Portanto, agindo em direção contrário aos demais países e a própria OMS, Bolsonaro não demonstra ter essas qualidades que Machiavelli julga necessárias para que a população acate o seu governo com mais facilidade.

Davi Alcolumbre vai nessa direção ainda ao expor: *Reafirmamos e insistimos: não é momento de ataque à imprensa e a outros gestores públicos*. No discurso do presidente da república, a imprensa foi citada como um dos principais causadores do pânico da população, mas o presidente do senado rebate essa afirmação, dizendo que não é momento para esse tipo de ataque à imprensa, deixando ser compreendido nas entrelinhas que Bolsonaro pode estar atribuindo a culpa do pânico a mídia e aos governantes municipais e estaduais, que declarou de forma subjetiva que são oposicionistas ao seu governo. Há, portanto, uma defesa da imprensa e dos gestores que tomaram medidas que o presidente não tomou.

Na sequência, ele destaca: *É momento de união, de serenidade e equilíbrio, de ouvir os técnicos e profissionais da área para que sejam adotadas as precauções e cautelas necessárias para o controle da situação, antes que seja tarde demais*. Davi deixa claro que é um momento em que todos devem se unir colaborando com as instruções para vencer o vírus. Deve-se também ter um equilíbrio nas falas e condutas dos governantes, pois eles são os representantes da população. Faz, portanto, uma crítica pela falta de um plano nacional de proteção das pessoas. A surpresa com o pronunciamento está justamente nisso, pois esperava-se que naquele momento o presidente anunciasse as medidas governamentais que seriam tomadas.

“O homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à ‘interpretação’: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico” (ORLANDI, 1997, p. 29). Assim, para Alcolumbre, os profissionais da área da saúde são os mais capacitados para lidar com o assunto, devido a sua formação e experiência na área, para que assim se possa evitar futuras tragédias no país. Ou seja, o presidente deveria ouvi-los.

De acordo com contexto social em que o indivíduo se desenvolve ou o meio em que vive, definem parte da sua formação ideológica e social, ou seja, a maneira como ele irá perceber o mundo ao seu redor. “Os sentidos podem mudar e as sociedades podem ser outras. A ideologia decorre da construção social que os seres humanos fazem da realidade”, conforme Rodrigues (2014, p. 7).

Na obra de Derrida, *Mal de Arquivo* (1995), a explicação do mal é arquivo, a evocação de um sintoma, um sofrimento, uma paixão, ou seja, o arquivo do mal; e também aquilo que destrói, desvia o princípio do próprio arquivo. Assim, parte-se para o conceito da desconstrução, o qual observa a fenda do discurso, as palavras e até mesmo o silêncio. Alcolumbre tomou a fenda, o mal de arquivo, para desconstruir o discurso do presidente ao contradizer os tópicos destacados por ele, principalmente ao declarar que ele estava em posição de ataque às medidas de contenção, contrário à OMS e aos outros países que já estavam enfrentando o problema por um período maior do que o Brasil.

#### 4.3 O discurso do ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta

O ministro da saúde naquele momento era Luiz Henrique Mandetta, e quatro dias após o pronunciamento do presidente, em 24/03/2020, em uma de suas coletivas de imprensa, se manifestou contrário aos argumentos do presidente, mesmo sem citá-lo. Em um trecho, extraído de uma reportagem de Teófilo (2020) diz o seguinte:

*Aqueles que pensarem localmente e não tiverem cabeça e visão para verem o mundo, vão ter muita dificuldade de passar por tudo que a gente vai ter que passar.* Referindo-se a *aqueles*, Mandetta deixa transparecer seu desagrado com o discurso de Bolsonaro e preocupação diante da parcela de pessoas que desacreditavam no poder do vírus, considerando que país o seria minimamente afetado. Salienta-se que até o momento do pronunciamento de Bolsonaro, o ministério da Saúde vinha alertando a população e as autoridades estaduais e municipais da gravidade da pandemia. O ministro, porém, demorou quatro dias para se manifestar, pois sua avaliação era diferente da do presidente. Pode-se interpretar como efeito de sentido que a demora na manifestação do ministro deve-se, talvez, à perplexidade ou, como subordinado, não poder ir contra a palavra do seu chefe. Assim, nessa fala ele expõe a sua contrariedade, pois como médico e cumprindo seu dever como ministro não poderia compactuar que a doença provocada pelo vírus era uma *gripezinha*, por mais que fosse um subordinado do presidente, e, por essa razão, alinhado ao mesmo pensamento.

O termo pensar *localmente* faz alusão à individualidade das pessoas ao pensar de forma egoísta, não percebendo que os impactos seriam vivenciados em todas as esferas, principalmente na economia e na saúde. Mais do que isso, faz alusão à experiência que outros países estavam vivendo. E se não olhasse para o que estava acontecendo no mundo, o país teria dificuldades. “O sentido, aqui também, não é uma relação de linguagem mas uma relação entre

o mundo das coisas recortado por sua relação com o sujeito que subsiste separadamente da linguagem” (GUIMARÃES, 1995, p. 33).

No âmbito econômico, se houvesse o fechamento total já era possível pensar que todas as pessoas iriam passar por dificuldades financeiras, pois as produções nas fábricas iriam diminuir, ocorrendo desligamento dos funcionários, falência de empresas, proibição do trabalho autônomo, ambulantes, entre outros vários setores. No setor da saúde, preocupação do ministro, tanto pública quanto privada eram previstos que faltariam recursos para atender toda a demanda de pacientes que seriam contaminados durante a pandemia, sendo equipamentos, leitos, medicamentos e até mesmo médicos, caso as pessoas contraíssem o vírus conforme os do pico da doença ocorressem.

O emprego da expressão *não tiverem cabeça e visão* designa um efeito de sentido ambíguo, descrevendo uma situação onde o indivíduo é inconsequente por não estar enxergando e não ter “cabeça” para compreender o momento que estava se aproximando e que os principais afetados seriam eles mesmos, não sendo a falta física de cabeça ou falta de visão literalmente. “A relação do usuário da linguagem com a linguagem, considerando que esta relação é que constitui o sentido do que se diz, ao mesmo tempo em que se coloca para dentro das preocupações sobre a significação a situação em que se fala” (GUIMARÃES, 1995, p. 33).

Complementando a frase, ele apontou que essas pessoas “sem cabeça e sem visão”, *vão ter muita dificuldade de passar por tudo que a gente vai ter que passar*, resultado da descrença e despreparo dessas pessoas para lidar com os efeitos causados pela pandemia, um alerta para o presidente. Serão estas mesmas pessoas que, por desacreditar e conseqüentemente não se resguardar conforme as orientações de segurança para minimizar as contaminações, seriam mais suscetíveis a adquirirem a doença e propícias a transmitir aos seus entes queridos e demais pessoas da sociedade. De acordo com Borges (2020), a desconstrução permite o alagamento do possível. Nesse sentido, a fala do ministro vai além e apontava que o governo também passaria por dificuldades para administrar as perdas de vidas que certamente viriam. E que vieram.

No próximo trecho, o ministro expõe o seguinte: *E eu rezo para que aqueles que falam que não vai ser nada, que vai ser só uma... uma pequena... um pequeno estresse, que isso passa logo e acaba, eu rezo todo dia para que estejam corretos nas suas avaliações*. Quando Mandetta relata que reza para que as pessoas que desacreditam no vírus estejam corretas, ele demonstra que ainda existe uma possibilidade de que a pandemia não acontecesse com a gravidade dos outros países, pois esta seria uma expectativa que todos esperavam que ocorresse. Por outro lado, se utiliza das palavras do presidente, que invocou Deus para curar a doença.

Nessa fala há um já está lá inscrito, como afirma Borges (2020), de acordo com a desconstrução, ou seja, se Bolsonaro invocou Deus para curar as pessoas, e o ministro apropriou-se do discurso para dizer que estava rezando.

Por outro lado, pode-se perceber o efeito de sentido de ironia, pois o ministro se pronunciava contra o que foi dito pelo presidente, mas ao mesmo tempo dizia torcer para que as pessoas que não estavam dando a devida importância ao vírus estivessem certos, ou seja, que ele estivesse equivocado diante do cenário atual.

Outro ponto a ser destacado é a afirmação de Mandetta repete estar rezando para que o presidente estivesse certo e ele errado, pois ele está discordando do seu chefe, mas utiliza de Deus como um suporte para acreditar que existe uma mínima possibilidade de que as pessoas que não concordam com o isolamento estejam certas, ou seja, recorre também a religiosidade. “A questão está em saber como as intenções se dão a conhecer ao ouvinte. E o problema se põe porque as palavras, as frases não dizem só e única coisa em todas as situações em que são usadas”. (GUIMARÃES, 1995, p. 32)

Em seguida, ele demonstra também preocupação para o caso de ele estar certo e, por isso, deveriam se comportar de uma maneira mais cautelosa diante do desconhecido, pois até o momento o que seria vivenciado no país e suas consequências, eram uma incógnita. “As circunstâncias do momento da enunciação importam. O que se afirma não tem uma relação direta com os fatos, mas tem uma relação com o acontecimento que se tem dos fatos”. (GUIMARÃES, 1995, p. 39).

De acordo com Gomes (2008), a desconstrução desestabiliza, abre, desloca os textos para buscar significados dentro de significados. Assim, pela segunda vez o discurso do presidente é desconstruído e desta vez pelo ministro da saúde no momento do pronunciamento. Mandetta não se manifestou contrário ao presidente por quatro dias e não fez pronunciamentos, porém na coletiva de imprensa do dia do discurso citado, o ministro se demonstrou preocupado com a população e em total oposição ao presidente. Como já mencionado, a demora pode significar que Mandetta refletiu, pesou sobre sua posição como responsável pela saúde dos brasileiros, mas também sua posição em cargo de confiança. Afinal, decidiu-se pela lógica da história. Segundo Borges (2020), a lógica do acontecimento se contrapõe à da história. E Mandetta decidiu que não ficaria contra a história que seria escrita a partir desses acontecimentos.

## **5. Considerações Finais**

A desconstrução é movimento e jogo de discursos, de acordo com Derrida (1995). Exatamente o que se percebeu no presente trabalho, que se preocupou em analisar e desconstruir o discurso de Jair Bolsonaro presidente da república do Brasil, do presidente do Senado e do então ministro da Saúde, em um período bastante conturbado para a população, onde se vivencia a pandemia do novo coronavírus. E conturbado também esse jogo presente nos discursos, observado na análise realizada, na medida em que a teoria de Jacques Derrida propõem que o discurso é “destruído” para retornar a sua forma original e descobrir seus significados e efeitos de sentido para a AD.

Em tese, o primeiro discurso desconstruído gerou polêmica, pois a figura do presidente em conjunto com as palavras proferidas em um pronunciamento no dia 24 de março de 2020, no início da chegada do vírus no país, resultou em uma combinação polêmica. Ao analisar o pronunciamento do presidente, evidenciou-se que o mesmo, ao proferir o seu discurso, utilizou de uma frase já dita por um médico, o qual se arrependeu de tê-la dito, para se referir a uma doença ainda desconhecida, sem medir suas palavras e a proporção que poderiam tomar. No entanto, verificou-se que em todos os trechos coletados para análise o presidente evocou uma desqualificação do isolamento social, sendo que esta era a melhor opção para conter o número de infectados. Recorreu à economia, como sua principal preocupação, esquecendo da vida das pessoas.

O mundo segue vivenciando a pandemia sem uma cura, apenas com tentativas de amenizar os sintomas para os pacientes acometidos pela doença, os picos de contaminação ainda não foram controlados em todas as partes, confirmando o cuidado ao se referir ao tema. Isso está refletido números atuais. Neste momento, 19 de novembro, em que se escreve essa conclusão, o país contabiliza mais de 168 mil mortes e quase seis milhões de infectados. E pode-se dizer que o discurso do presidente contribuiu para esses números, ao descredibilizar a ciência e os profissionais de saúde. E não diminuiu os impactos econômicos, maior temor de Bolsonaro.

Ao analisar os três discursos, percebe-se duas posturas diferentes diante da mesma situação, de um lado temos o presidente da república com sua formação ideológica e conceitos definidos sobre a doença e de outro o presidente do Senado e o ministro da saúde, que contradizem o seu pronunciamento, acreditando na necessidade de equilíbrio e serenidade para encarar aquele momento difícil que já se vivenciava.

Os questionamentos problematizados no trabalho foram destrinchados e comprovados, pois foi possível perceber elementos do discurso do Bolsonaro que encaminham a população a uma desqualificação da pandemia logo no início, sendo em sua

maioria eleitores e apoiadores do presidente. Ao desconstruir a pandemia, ele a destrói, demonstrando falta de preparo para enfrentar essa situação extremamente improvável na atualidade, mas que não seria impossível amenizar.

E o resultado correspondente ao terceiro problema é que outras autoridades, na verdade, desconstruíram o discurso do presidente, no caso analisado os do ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta e do presidente do Senado Davi Alcolumbre. Ao desconstruir seus discursos vimos que ambos se manifestaram contrários ao posicionamento exposto pelo presidente, mesmo não utilizando as mesmas palavras, mas com os efeitos de sentido semelhantes, pois ambos se opuseram ao posicionamento que Bolsonaro demonstrou com o seu discurso.

Percebeu-se que os efeitos de sentido do discurso do presidente Jair Bolsonaro foram executados com um objetivo claro: tornar o que ele dissesse como uma verdade absoluta, para que, assim, seu discurso convencesse as pessoas de que o país não sofreria com a chegada do vírus. Vimos que, com o passar do tempo, não foi o que aconteceu realmente, pois já estamos com mais de 160 mil mortes e de seis milhões de infectados.

A banalização da doença era o caminho mais fácil para conseguir manter o seu objetivo ativo, que era trabalhar na economia do país e Bolsonaro o fez, mas o seu pronunciamento não aconteceu da maneira que se esperava. A expectativa era de que o presidente da República viesse a público manifestar o desejo de que a população respeitasse as medidas de segurança e transmitisse uma sensação de zelo pelo país.

Desconstruindo o discurso do presidente, constatou-se a necessidade que ele sentia em ser a figura que tinha a razão em suas mãos, mesmo sendo algo desconhecido. Como explica Goulart (2003, p. 10), a desconstrução tem a finalidade de trazer para a descoberta aquilo que os enunciados acobertam, ou seja, o que não é descoberto à primeira leitura, e através dela, compreender os efeitos de sentido do discurso.

A demissão do ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, que aconteceu no dia 16 de abril de 2020, menos de um mês após o pronunciamento do presidente e, posteriormente ao posicionamento contrário que o ministro demonstrou sobre o do presidente, reafirma que houve desentendimento entre os dois, comprovando a desqualificação das medidas de prevenção que Bolsonaro deveria incentivar. Sendo assim, reforça-se que o discurso do presidente foi desconstruído pelo ministro e pelo presidente do Senado, pois cada um se posicionou da forma que julgou melhor, trazendo como efeito de sentido críticas ao seu pronunciamento.

## Referências

ANDRADE, Edilamara. **Entre o estruturalismo e a desconstrução:** uma reflexão acerca do pensamento de jacques derrida em força e significação. **Theoria** - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre. Volume VIII - Número 19 - Ano 2016 – ISSN 1984-9052. Disponível em: <<https://www.theoria.com.br/edicao19/07012016RT.pdf>>. Acesso em: 23 Set. 2020.

ASSIS, André. **A conquista da opinião pública:** como o discurso manipula as escolhas políticas. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647160/14086>>. Acesso em: 27 Set. 2020.

BASSÉGIO, Mara. DIAS, Luciana. **Os efeitos de sentidos atribuídos pelos sujeitos ao discurso sobre a violência no cotidiano.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/907-4.pdf>>. Acesso em: 10 Nov. 2020

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 2ª EDIÇÃO. Campinas. Editora Unicamp. 2004. 96 p. Acesso em: 12 Nov. 2020.

BORGES, Gabriela. **Os Indesconstrutíveis da Desconstrução.** 2020. **DasQuestões**, Vol. 9nº1, junho de 2020, p.19-42. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/31900/26234>> Acesso em: 28 Set. 2020.

BREÁL, Michel. **Ensaio de semântica:** ciência das significações. São Paulo, SP: EDUC: Pontes, 1992. 223 p.

CABRAL, Gabriela. **Aparelho Psíquico.** Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/psicologia/aparelho-psiquico.htm>>. Acesso em: 21 Nov. 2020.

CEIA, Carlos. **Desconstrução - E-Dicionário de Termos Literários.** Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/desconstrucao>>. Acesso em: 22 Set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Logocentrismo - E-Dicionário de Termos Literários.** Disponível em: < <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/logocentrismo/>> Acesso em: 29 Set. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** Disponível em: <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2018/08/charaudeau-patrick-discurso-das-mc3addias.pdf>> Acesso em: 27 Set. 2020.

COTIAS, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RKX38hOKIMA>> Acesso em: 29 Out. 2020.

CURY, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ENbAHLvBjDY>> Acesso em: 29 Out. 2020

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 1975. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/DELEUZE,%20Gilles.%20L%C3%B3gica%20do%20Sentido%20(1).pdf> Acesso em: 10 Nov. 2020.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença. pdf**. 1995a. Google Docs. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1w3Mr8m8UaZ6h6lgU\\_6ZKMmkr-kBgsCBn/view](https://drive.google.com/file/d/1w3Mr8m8UaZ6h6lgU_6ZKMmkr-kBgsCBn/view)>. Acesso em: 20 Nov. 2020.

\_\_\_\_\_. **A Farmácia de Platão.pdf**. 2005. Google Docs. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1lfBpjSn\\_NpWJktGVWvxq9hsYJUoXkLej/view](https://drive.google.com/file/d/1lfBpjSn_NpWJktGVWvxq9hsYJUoXkLej/view)>. Acesso em: 05 Out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Gramatologia.pdf**. 1973. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1wtXAlv\\_WrnqpyOjsaA7bDJEX2sTZ85OL/view](https://drive.google.com/file/d/1wtXAlv_WrnqpyOjsaA7bDJEX2sTZ85OL/view)>. Acesso em: 09 Out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Mal de arquivo: Uma impressão Freudiana**. 1995b. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/130871/mod\\_resource/content/1/derrida\\_jacques-\\_mal\\_de\\_arquivo\\_-\\_uma\\_impressc3a3o\\_freudiana.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/130871/mod_resource/content/1/derrida_jacques-_mal_de_arquivo_-_uma_impressc3a3o_freudiana.pdf)> Acesso em: 26 Out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Margens da Filosofia.pdf**. 1991. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1M4vB8ZXwqf2qpf6RGbyHcxjisbp8ICDA/view>>. Acesso em: 09 Out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Posições.pdf**. 2001. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14ES5ejvJF01DZt2rYKRvh5GsDSfW2y6d/view>>. Acesso em: 05 Out. 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 2ª Edição. São Carlos. Claraluz. 2007. 97 p.

FONSECA, Fernando. **A verdade da desconstrução: o horizonte ético do pensamento de Jacques Derrida**. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6489/1/2008-DIS-FFAFONSECA.pdf>>. Acesso em: 09 Nov. 2020.

GOMES, Tiago. **Desconstrução e heterodoxia linguística em Jacques Derrida. Sofia** (Issn 231-2339), Vitória (es), v.7, n.2, p.275-288, jul./dez.2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/18754/16401>> Acesso em: 25 Set. 2020.

GOULART, Audemaro. **Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida**. Disponível em: <[http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado\\_doutorado/publicacoes/PUA\\_ARQ\\_ARQUI20121011175312.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121011175312.pdf)>. Acesso em: 22 Set. 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A Análise do discurso: Conceitos e Aplicações. Alfa**, São Paulo, 39, 13-21. 1995. p. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/3967-Texto%20do%20Artigo-9688-1-10-20110411.pdf > Acesso em: 12 Nov. 2020.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, Pontes, 1995, 91 p.

LIMA, Andréa Pereira de. **O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia.** *Rev. psiquiatr. Clín.*, São Paulo. 2010. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832010000600005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832010000600005)>. Acesso em: 29 Set. 2020.

MACHIAVELLI, NICHOLÒ. Domínio Público - Pesquisa Básica. **O príncipe.** [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). 2020 Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000052.pdf>>. Acesso em: 21 Set. 2020

MAGALHÃES, Juliana. MAGALHÃES, José. **O pensamento de Jacques Derrida e sua recepção no seio dos estudos jurídicos: uma análise crítica.** *Revista da Faculdade de Direito – UFPR*, Curitiba, vol. 61, n. 2, maio/ago. 2016, p. 95 – 115. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/44177-185397-1-PB.pdf>> Acesso em: 25 Set. 2020.

MICHAELIS ON-LINE. **Sentido.** Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sentido>>. Acesso em: 17 Nov. 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 2001. Disponível em: <https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/ORLANDI-Eni-P-Analise-Do-Discurso-Principios-e-Procedimentos.pdf> Acesso em: 20 Nov. 2020.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 4.ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

OSAKABE, Haqira. **Argumentação e discurso político.** 1ª edição. São Paulo: Kairós, 1979. 200 p.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Ed. Unicamp, 1988. 317 p. (Coleção Repertórios)

PIOVEZANI FILHO, Carlos. **Metamorfoses do discurso político contemporâneo: por uma nova perspectiva de análise.** *Revista da ABRALIN*, v6. n1.p. 111-128. Jan/jun. 2013 (cópia de 2007)

Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/52714-203568-1-SM.pdf>>  
Acesso em: 27 Set. 2020.

REGO, Claudia. **Traço, letra, escrita. Freud, Derrida, Lacan.** Disponível em: acesso em: Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6602/6602\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6602/6602_1.PDF)> Acesso em: 29 set. 2020.

RODRIGUES, Rosângela. **Os efeitos de sentido acerca do trabalho em diferentes gêneros discursivos.** *Revista de Psicologia da UNESP* 13(1), 2014. 52. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v13n1/a05.pdf>>. Acesso em: 10 Nov. 2020.

SILVA, Cris Guimarães Cirino. **A Bolsonarização do Espaço Público.** Uma Análise Foucaultiana sobre os conceitos de Pós-verdade, Fake News e Discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.* 2019 Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0386-1.pdf>> Acesso em: 12 Nov. 2020.

TEÓFILO, Sarah. **Contrariando Bolsonaro, Mandetta incentiva pessoas a ficarem em casa.** Acervo. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/28/interna-brasil,840958/contrariando-bolsonaro-mandetta-incentiva-pessoas-a-ficarem-em-casa.shtml>>. Acesso em: 20 Nov. 2020.

TERRA. **Alcolumbre critica pronunciamento de Bolsonaro: “Grave.”** Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/alcolumbre-critica-pronunciamento-de-bolsonaro-grave,1747cbb3b5736057cbae2e4a0054f623rzcvosax.html>>. Acesso em: 20 Nov. 2020.

TUPYNAMBÁ, Geraldo. CHARAUDEAU, P. **Discurso político.** São Paulo: Contexto, 2008. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. Resenha. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/9291-Texto%20do%20artigo-16634-2-10-20190829.pdf>> Acesso em: 25 Set. 2020.

UOL. **“Gripezinha”**: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>>. Acesso em: 20 Nov. 2020.